

# Lima Barreto e as dinâmicas raciais no romance *Clara dos Anjos*

Samara dos Santos Carvalho\*

## Resumo:

Lima Barreto foi o mais proeminente, dentre os autores brasileiros do século XX, a manifestar o ponto de vista dos negros sobre o preconceito racial. Em 1922, meses antes de seu falecimento publica seu último romance, *Clara dos Anjos*, que narra uma história de sedução e abandono vivenciada pela personagem-título, uma jovem mestiça de origem humilde. No romance, o autor esmiúça a complexidade das dinâmicas sócio-históricas ambientadas pelas camadas populares no período da Primeira República.

**Palavras-chave:** Lima Barreto; Literatura; Primeira República; Racismo; Sexismo.

## Lima Barreto and racial dynamics in the novel *Clara dos Anjos*

### Abstract:

Lima Barreto was the most prominent Brazilian author of the 20th century to express the black point of view on racial prejudice. In 1922, months before her death, he published his last novel, *Clara dos Anjos*. The novel tells a story of seduction and abandonment experienced by the title character, a young mixed-race girl of humble origins. In the novel, the author scrutinises the complexity of the socio-historical dynamics experienced by the popular classes during the First Republic period.

**Keywords:** Lima Barreto; Literature; First Republic; Racism; Sexism.

### Introdução: Lima Barreto, ‘imortal devidamente reconhecido’

Existe na cabeça do negro poeta  
uma busca de criar o certo  
que contenha mais que a pura beleza do verso  
e que assimilável seja por um outro negro  
que se pendura no trem das seis  
e vê nas costas a torre da Central

---

\* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Araraquara-SP, Brasil. End. eletrônico: samaracarvalho.mesc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7877-7051>.

Não como um rasgo indecente  
ou como um berro de concreto  
que invade os olhos da gente [...]

A procura persiste, mistura, verte  
verbos tristes para descobrir  
que tem muito a aprender  
da dialética maior que existe

E se esconde toda na placidez das marmitas  
que voltam cansadas da vida  
todos os dias no trem das seis  
José Carlos Limeira, *Cadernos negros* 3, p. 91.

Em dezembro de 2021, o projeto Negro Muro<sup>1</sup>, que visa produzir arte urbana com o intuito de memorar grandes nomes da cultura negra na cidade do Rio Janeiro, concluiu um grafite em homenagem ao escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). A pintura foi realizada em um muro situado ao número 20 da rua Major Mascarenhas, no bairro de Todos os Santos, Zona Norte, ao lado da última residência em que o autor viveu com sua família por duas décadas e onde morreu, precocemente, aos 41 anos, em novembro de 1922.

*Figura 1 - Retrato de Lima Barreto em forma de grafite*



Fonte: Negro Muro

---

<sup>1</sup> Matéria completa sobre o projeto e imagem dos grafites disponíveis em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/25/projeto-negro-muro-homenageia-lima-barreto-com-arte-em-todos-os-santos-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso em dez. 2023.

O grafite, produzido em um muro de 15 metros de largura, teve como inspiração a casa – chamada carinhosamente por ele de *Vila Quilombo* – e os arredores do subúrbio em que o romancista viveu – que estão presentes em diversas crônicas de sua autoria. Entre os desenhos, destaca-se o retrato de Lima Barreto vestindo o fardão – traje exigido na cerimônia de posse da Academia Brasileira de Letras – ABL, instituição pela qual teve duas candidaturas negadas e uma última retirada pelo próprio autor antes mesmo de receber um parecer, favorável ou não.

Segundo o produtor cultural Pedro Rajão, responsável pelo trabalho de pesquisa para a elaboração do painel, o desenho foi pensado como uma forma de provocação à rejeição do romancista pela ABL: “Ele tentou mais de uma vez em vida, e agora no muro ele é um imortal devidamente reconhecido. Fizemos como forma de denúncia à instituição que ignorou a grandeza desse autor”<sup>1</sup>.

Outro fato curioso é a desaprovação de Barreto sobre os seus retratos, conforme afirmou Lília Schwarcz, autora da mais recente biografia de Lima Barreto, chamada *Triste Visionário* (2017). Em entrevista de divulgação da obra, ao apresentar o projeto de elaboração da capa, a autora afirmou que, no decorrer da pesquisa, identificou passagens em seus textos nas quais Barreto afirma não gostar dos seus retratos. A começar por sua cor – que ele mesmo caracterizava como um tom de pele “azeitonado” –, mas, também, por serem os retratos, em sua maioria, retirados nos períodos que sucederam as duas internações do autor na *Colônia dos Alienados*, instituição designada aos cuidados de pacientes em tratamento psiquiátrico.

A homenagem conferida ao artista em formato grafite – gênero de arte visual criado no seio dos guetos e da cultura urbana negra – é um reconhecimento póstumo a um dos principais escritores brasileiros que, no decorrer de sua vida, não teve a devida aclamação, mas que vem ganhando a merecida notoriedade na contemporaneidade. Lima Barreto – escritor pobre, negro, alcoólatra – vivenciou eventos fundamentais da história do Brasil: viu de perto, ainda menino, a cerimônia da Abolição no centro da capital fluminense; acompanhou a transição do regime monarquista para o republicano – que trouxe a esperança de expansão do *status* cidadão aos socialmente excluídos – e testemunhou o florescer do subúrbio carioca para além dos trilhos da Central, como consequência da “inserção compulsória do Brasil na Belle Époque” (Sevcenko, 1999).

Sociologicamente, a produção literária de Lima Barreto é fundamental para compreender o fenômeno do racismo a partir da experiência social autorreferente do ser negro/a. Nesse sentido, faz-se necessário dar voz às reflexões e à produção intelectual daqueles que majoritariamente foram objeto de pesquisa no campo das ciências sociais e que podem ser deslocados ao protagonismo do *discurso sobre si*. Essa inversão desloca Lima Barreto da condição de *negro tema* (Ramos, 1957) para negro autor – testemunha lúcida das contradições materiais e simbólicas de seu tempo.

Considerando que o fazer científico é, antes de tudo, um saber interessado, ou seja, que fala a partir de uma visão de mundo, escolhamos analisar<sup>2</sup> como Lima Barreto interpreta a articulação entre o racismo e o sexismo na obra *Clara dos Anjos* como mecanismos de manutenção de assimetrias sociais em um contexto de exclusão socioespacial demarcado pela vivência no subúrbio carioca no início do século XX. Destacamos que a escolha do romance, cujo enredo trata de uma mulher negra e invisibilizada, é uma opção consciente que faço como uma pesquisadora que se identifica enquanto mulher negra e, como tal, presenciou e presencia, em sua formação pessoal e profissional, o racismo – mesmo que velado – que, ademais, se faz presente em minha formação subjetiva, ancorando uma multiplicidade de olhares e interpretações que talvez possa fugir àqueles que não se deparam com tais dinâmicas no curso de suas vidas.

Ainda que o fazer científico exija objetividade no rigor da análise dos fenômenos investigados, não se pode descartar a importância da subjetividade, que se manifesta na relação de *identidade entre sujeito e objeto*. Em outras palavras, quando nos propomos a estudar os fenômenos que envolvem a vida social, em última instância, estudamos a nós mesmos ou objetos que, em muito, nos dizem respeito socialmente. Dado este fato, o fazer científico das ciências sociais depara-se com um ingrediente demasiadamente desafiador: a necessidade de apresentarmos a construção científica – desde as motivações que envolvem a escolha do objeto até a apresentação dos resultados – com destacado cuidado e clareza na descrição das etapas galgadas no decorrer da pesquisa.

### **Lima Barreto e a literatura da vida suburbana**

A obra de Lima Barreto registrou, no campo literário, o cotidiano de um Brasil que pouco aparecia nos livros, jornais e teses científicas. Registrou o modo de vida da gente suburbana, a “arraia-miúda”<sup>3</sup> – trabalhadores, pobres, negros, migrantes e imigrantes – com a sensibilidade que só quem viveu os dissabores da exclusão social seria capaz de retratar com tamanha humanidade. Todavia, não se contentou em apenas descrever o “outro” (no sentido antropológico atribuído ao termo). Penejou sobre si e sobre as próprias angústias e frustrações que lhe acompanharam por toda a vida – as quais podem ser identificadas nas inúmeras personagens que ganharam forma em seus romances e crônicas.

Em seus textos, escreveu também sobre os estabelecidos: atacou figuras públicas, políticos conservadores, endereçou críticas ferinas à imprensa, aos

---

<sup>2</sup> Este artigo é parte de minha pesquisa de doutorado em Ciências Sociais, defendida na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita. Ver Carvalho (2024).

<sup>3</sup> Expressão popularmente utilizada para referir-se ao povo.

acadêmicos e à rigidez de seus textos, aos “medalhões”<sup>4</sup> do funcionalismo público, à burguesia carioca e seu modo hipócrita de conduzir a vida. Ao lermos suas obras, temos a impressão de que nenhum acontecimento do cotidiano da sociedade carioca do início do século XX escapou-lhe à escrita.

Figura 2 - Grafite de Lima Barreto em meio aos seus livros



Disponível em <https://negromuro.com.br/>. Acesso em dez. 2023

O artista gráfico Pedro Rojão, na referida entrevista cedida ao “G1” – Portal de notícias do Grupo Globo – conta que o projeto *Negro Muro* havia homenageado o romancista em outra ocasião, no ano de 2018, na Rua Vilela Tavares, no bairro do Méier, também na zona Norte. Contudo, o grafite foi apagado posteriormente pelo novo proprietário do imóvel. Em defesa do homenageado, o artista reitera:

Dessa vez, ele vai ficar precisamente no local onde ele viveu. E um detalhe importante é o imenso acervo dele, que a gente conseguiu incluir na arte. Incrível pensar que, em um bairro que era rural, com chão de barro ainda, há mais de 100 anos atrás, havia um grande escritor preto que detinha um acervo dessa magnitude (Rojão, 2021).

---

<sup>4</sup> A expressão medalhão, muito popular nos séculos XIX e XX, faz referência a homens que ocupavam cargos importantes cuja posição de destaque se dava devido à influência familiar, dos amigos e do dinheiro. Na prática, eram pessoas que não possuíam mérito para os cargos que ocupavam. Machado de Assis publica na *Gazeta de Notícias*, em 1881, o conto “Teoria do Medalhão”, que narra o diálogo entre um pai e seu filho, aconselhando-o a tornar-se um medalhão e a ocupar um ofício por conveniência e aceitação social.

No ensaio *O direito à literatura*, Antônio Candido (2011) argumenta em prol da literatura como um direito, ao possibilitar – diante da complexidade de sua natureza – humanização e “integridade espiritual”. O texto traz pertinentes reflexões sobre a importância e a defesa dos direitos humanos como um componente fundamental à expansão da cidadania. O autor infere sobre as contradições históricas de seu tempo, se comparado a outros períodos em que a humanidade<sup>5</sup> não havia atingido um patamar tão sofisticado de racionalidade e domínio técnico sobre a natureza. Trata-se de um período de barbárie, embora seja uma barbárie fruto da civilização<sup>6</sup>.

O desenvolvimento da indústria, as avançadas técnicas de produção agrícola, as descobertas científicas na área da saúde e as inovações tecnológicas poderiam propiciar níveis inigualáveis de satisfação de necessidades nunca sonhadas pela humanidade. No entanto, conforme destaca, “os mesmos meios capazes de fomentar o progresso de alguns podem provocar a degradação da maioria” (Candido, 2011, p. 169).

As contradições apontadas pelo autor são condizentes às emergências e às tensões sociopolíticas que marcaram a sociedade brasileira no último quartil do século XX. Publicado em 1988, o texto alude à Redemocratização e à promulgação da mais recente Constituição Federal, cunhada como “constituição cidadã” (Rocha, 2008), por tornar formal o combate a injustiças historicamente gestadas na formação social brasileira, destacando-se a criminalização do racismo<sup>7</sup>, a demarcação de terras indígenas e o princípio da função social da terra como norma que deve orientar as atividades agrárias, a regulamentação dos direitos trabalhistas no campo e a proteção ambiental.

Diante desses acontecimentos, a pobreza e a exclusão social deixam de ser vistas como questões insolúveis ou aquém das determinações mundanas – residindo no campo sobrenatural como castigo divino ou destino – e passam, sumariamente, a serem compreendidas como questões emergenciais que podem ser debatidas e

---

<sup>5</sup> Ao abordar o termo “humanidade”, Candido faz referência aos avanços trazidos pelo paradigma moderno de ciência cuja abrangência se deu no Ocidente.

<sup>6</sup> A relação entre barbárie e civilização é uma temática recorrente nos estudos filosóficos do século XX, mais precisamente no contexto pós-Segunda Guerra. Entre eles, destaca-se “A dialética do Esclarecimento”, publicado em 1947 pelos filósofos alemães Theodore Adorno e Max Horkheimer. O texto aborda as contradições inscritas no projeto iluminista e sua relação com a razão instrumental, cujo comprometimento com o progresso e cientificismo repousa, em muitos aspectos, sobre o utilitarismo e a barbárie, conforme foi observado no processo de ascensão do Nazismo na Europa.

<sup>7</sup> A luta do Movimento Negro Unificado-MNU, desde a década de 1970, foi fundamental para a tipificação do racismo como crime inafiançável e imprescritível sob legitimidade constitucional. Promulgada em 1988, no centenário da Abolição, a participação do movimento negro possibilitou, para além do âmbito penal, formalizar o compromisso do Estado em combater injustiças sociais e propiciar políticas públicas em prol da população negra no âmbito jurídico. A respeito do tema, destaca-se o trabalho de Natália Néris (2018).

mitigadas. Cuidadosamente, Candido (2011, p. 171) frisa que, mesmo que não haja efetivamente um empenho para que tais problemáticas sejam sanadas, a “injustiça social constringe” e a “insensibilidade em face da miséria deve ser pelo menos disfarçada”.

Em um segundo momento, após explanar sobre a importância dos direitos humanos frente ao combate às injustiças, Candido define como literatura “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (2011, p. 176). Nessa perspectiva, a literatura é entendida como “manifestação de todos os homens em todos os tempos” e, como tal, é condição imprescindível à formação humana, pois possibilita uma reflexão acerca dos valores preconizados e refutados pela comunidade. Ela confere ao ser social humanidade, ao fornecer a “possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” inscritos na sociabilidade, nas relações pessoais e coletivas, nas dinâmicas simbólicas das representações religiosas e artísticas e na concretude das determinações econômicas, sociais e políticas.

Diante de uma realidade marcada por assimetrias sociais, exclusão de minorias e necessidades materiais tão primárias – como alimentação e moradia –, pensar a literatura como direito imprescindível pode se manifestar ao senso comum como necessidade secundária ou mesmo supérflua a determinados grupos sociais. Desse modo, a literatura não é uma manifestação desinteressada, mas um agir potente, que possibilita enxergar mazelas subjetivas e coletivas e aponta caminhos para a construção de uma identidade nacional autorreferente; ela traz reflexões sobre anseios humanos, alimenta esperanças e, em certos aspectos, denuncia as injustiças e as contradições sociais mais pungentes de um povo.

Antônio Candido encerra sua reflexão sobre a importância da literatura destacando que a luta pelos direitos humanos é a luta em defesa de uma sociedade na qual todos tenham acesso à cultura, sem a diferenciação entre a esfera erudita e popular. Certamente, não significa que o autor esteja destituindo a importância da discussão que o tema exige. Pelo contrário, sua defesa é por uma sociedade justa em que o respeito aos direitos humanos perpassa pela fruição da arte e da literatura em suas múltiplas modalidades.

No contexto das discussões que envolviam o Brasil de 1988 frente ao processo de Redemocratização, a criminalização e o combate ao racismo – agora sancionados como compromisso no âmbito legal – expressam a conquista de décadas de luta do movimento negro brasileiro, tanto em sua perspectiva cultural, quanto militante e acadêmica. Dentre diversas personalidades, Abdias Nascimento (2020), Lélia González (1984), Neusa Santos Souza (2021) e Sueli Carneiro (2005) denunciaram, em seus escritos e na militância, as mazelas do racismo – manifesto no genocídio da população negra – a invisibilidade no mercado de trabalho, o sexismo e a desigualdade no acesso a direitos básicos.

## **Clara dos Anjos e o refúgio dos infelizes**

A partir de Gramsci (1997), Lima Barreto pode ser caracterizado como um *intelectual orgânico*, ao difundir uma literatura potente, comprometida com as demandas sociais de seu tempo, servindo como um porta-voz dos sujeitos oprimidos e relegados aos subúrbios. A invisibilidade da obra de Lima Barreto em muito se atribui à forma como sua escrita era endereçada à denúncia dos interesses da classe dominante, cujo racismo e a exclusão social são condicionantes fundamentais à manutenção de assimetrias sociais na incipiente República.

No campo literário, as obras de Lima Barreto, em destaque *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos* nos permitem compreender, sob os limites da linguagem ficcional, de que forma as ideias relativas à noção de raça – em especial a mestiçagem – repercutiram na vida cotidiana e implicaram processos de hierarquização na vida cotidiana. Deste modo, a produção literária barretiana transpôs à assertiva mais tradicional concernente à crítica literária – que consiste em uma literatura limitada a “relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais” (Candido, 2000, p. 10) – ao emergir como produção literária esteticamente genuína, que não se limita à perspectiva ideológica sedimentada em reproduzir “representações de espírito crítico” (Bosi, 1982, p. 359).

Se a primeira leitura de Lima Barreto nos faz saltar aos olhos a espontaneidade e a subjetividade do autor decomposta em suas personagens – o que para muitos é condição depreciativa da qualidade de seus romances –, é em sua perspectiva estética que Lima Barreto, enquanto testemunha lúcida das contradições de seu tempo, posiciona-se, a partir de sua própria existência como escritor, como antítese, sobre a inscrita condição de inaptidão intelectual atribuída aos negros e mestiços pela *intelligentsia* brasileira.

Sob a alcunha de escritor “mestiço” e detentor de uma escrita “desleixada” pela crítica especializada de seu tempo, Lima Barreto produz uma das análises mais críticas sobre a própria produção intelectual que, escamoteada pela presunçosa neutralidade de “fazer ciência”, revelou-se, na ponta de sua pena, ideologicamente compromissada com a manutenção das assimetrias sociais fundamentada pela exclusão racial. Penetrando nas vias subjetivas da composição de suas personagens, Lima Barreto escancara tamanha lucidez e riqueza de detalhes acerca da realidade sob o olhar atento dos socialmente excluídos. Este fato demonstra a contradição existente à prerrogativa de intelectuais como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues – sob diferentes pontos de vista – mas que se reúnem, sob o lugar comum, acerca da inferioridade intelectual atribuída aos negros e mestiços.

Ora, Lima Barreto foi o mais proeminente, entre os autores brasileiros do século XX, a manifestar o ponto de vista dos negros sobre o preconceito racial. Particularmente, abordou a temática sob a perspectiva da mulher – em sua condição racializada e de classe –, mais especificamente no romance *Clara dos Anjos*. No

romance, o autor esmiúça a complexidade das dinâmicas sócio-históricas ambientadas pelas camadas populares no período da Primeira República. Ao abordar as tensões sociais do país, em especial os imbróglis ocorridos com a inserção compulsória do país na *Belle Époque* – que culminaram em novas dinâmicas socioespaciais na capital fluminense, principalmente nos subúrbios –, os romancistas do período narram, em suas obras, os conflitos marcados pela ambivalência entre as relações sociais do Brasil senhorial e burguês. Nisso, incluem-se os antagonismos de classe e suas implicações no mundo do trabalho, as relações assimétricas de gênero e as tensões raciais potencializadas pelos discursos científicos racistas (Sevcenko, 1999).

A obra, escrita entre 1904 e 1922 – mas publicada postumamente em 1948 –, discorre sobre aspectos sociais com tom de denúncia ao racismo e ao machismo personificados em *Clara dos Anjos*, personagem-título. Conforme já abordado em muitos trabalhos sobre Lima Barreto (Barbosa, 2002; Bosi, 1982; Leitão, 2006; Holanda, 1978; Resende, 1993; Sevcenko, 1999, Schwarcz, 2017), em *Clara dos Anjos*, há evidências de elementos autobiográficos – considerando a personagem-título como um *alter ego* feminino do autor, pois tanto a protagonista como os demais personagens sofrem com a exclusão e o preconceito racial – problemáticas que atravessam a trajetória pessoal de Barreto.

Na trama, a jovem mulata<sup>8</sup> é uma moça ingênua a qual, com a parca educação que recebera – o comum para moças de seu *status* social – e o excesso de zelo de seus pais, que a inibiram de vivenciar experiências sociais para além do subúrbio em que residia, deixou-se seduzir pelos encantos do violeiro Cassi Jones – “um rapaz de pouco menos de 30 anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo” (Barreto, 2012, p. 28). O que poderia ser mais um típico romance – em que o amor supera todos os desafios de classe e preconceito racial –, sob a escrita de Lima Barreto, transforma-se em uma narrativa de denúncia do racismo, do sexismo e das complexas relações sociais vivenciadas pela população dos subúrbios abandonada à sua própria sorte. Nas palavras do autor, “o subúrbio é o refúgio dos infelizes” (Barreto, 2012, p. 83).

Nessa perspectiva, a relação entre Clara e Cassi, que reverbera entre as demais personagens do romance, é um exemplo de como o elemento racial, em especial a branquitude, manifesta-se como um mecanismo de poder e distinção social que visa estabelecer a manutenção de hierarquias, sobretudo em um espaço de exclusão como era o subúrbio carioca no início do século XX.

Em diversos trabalhos que se empenham em analisar o romance, o racismo e o preconceito de classe sofridos pela personagem são o mote. Decerto, as intenções de Lima Barreto em escancarar as condições de vida – quase deterministas – das

---

8 A princípio, será mantido o termo “mulato/a” para referir-se à população mestiça, buscando preservar a expressão utilizada por Lima Barreto em sua obra.

mulheres do estrato social de Clara são evidentes. Porém, elas não se encerram por aí. Desde a primeira leitura do romance, o que nos chamou a atenção foi a forma como o autor aborda as questões raciais sob uma perspectiva efetivamente relacional. Em outras palavras, em *Clara dos Anjos*, há a problematização não apenas do racismo, mas também de como a branquitude é vivenciada como uma condição que confere às personagens brancas uma posição de privilégio em um contexto de disputas materiais e simbólicas (Bento, 2014, 2022; Cardoso, 2008, 2010; Piza, Rosemberg, 2014; Schucman, 2012).

Diante das condições de vida experimentadas pelas personagens suburbanas do romance, Lima Barreto não apenas problematiza a realidade dos(as) negros(as) e mulatos(as), mas, também, elabora um processo de racialização das personagens brancas, demonstrando as nuances que os discursos racistas em voga, no contexto em que elaborou a obra, por exemplo, a eugenia, inferem tratamentos diferenciados aos indivíduos sob uma perspectiva racializada.

A exemplo, vê-se a personagem Dona Margarida Weber Pestana, estrangeira – mais precisamente de ascendência alemã e russa –, descrita como “uma mulher séria, rigorosa de vontade, visceralmente honesta, corajosa, e não haveria rogos nem choro que a fizessem contribuir para um crime de qualquer natureza” (Barreto, 2012, p. 141). Percebe-se que os atributos conferidos à viúva são inerentes à sua origem estrangeira, “positivamente” determinadas pela sua raça.

Já o antagonista Cassi Jones e seus familiares – “A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lord Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô” (Barreto, 2012, p. 28) – representam os brasileiros brancos que, conforme destaca Guerreiro Ramos (1981), experimentam aquilo que o autor categoriza como “patologia do branco brasileiro”, fundamentado na rejeição dos elementos culturais e biológicos negros em detrimento de uma reivindicação de ancestralidade europeia.

A manifestação do racismo como componente que garante tratamento diferenciado em uma condição de subalternização generalizada na periferia pode ser observada em *Clara dos Anjos*, em especial, no comportamento de Dona Salustiana, mãe do antagonista Cassi Jones, que se utiliza de diferentes subterfúgios para divergir do tratamento atribuído aos moradores do subúrbio. Em Cassi, tal comportamento é ainda mais evidente se observarmos a distintiva forma como o antagonista transita entre o espaço do subúrbio e no centro. Protegido pelos trilhos da central – que funciona como uma representação fronteiriça – Cassi manifesta-se soberbamente como branco superior. Em contrapartida, nas passagens do romance em que são narradas as andanças do personagem pelo centro da capital, frente à branquitude experimentada por figurantes das áreas centrais da capital, vê-se a inaptidão de Cassi em adequar-se às normas sociais manifestadas pela inadequação de seus trajes, comportamentos e ausência de refinamento em sua oralidade.

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os placares dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma. (Barreto, 2012, p. 125).

De acordo com Brah (2006, p. 344), “Cada racismo tem uma história particular. Surgiu no contexto de um conjunto específico de circunstâncias econômicas, políticas e culturais, foi produzido e reproduzido mediante mecanismos específicos e assumiu diferentes formas em diferentes situações”. A literatura de Lima Barreto exprime as contradições de um país inscrito na ambivalência do Brasil que urge pela elaboração de uma cultura nacional e, concomitantemente, vivencia o amargor de uma brasilidade experimentada na mestiçagem, vista pela intelectualidade – influenciada por interpretações racialmente deterministas – como a responsável pelo desequilíbrio moral e intelectual da nação (Ortiz, 2006, p. 21).

A ausência da problematização da identidade branca como constructo silenciado e isento de problematizações deve ser compreendida como uma das facetas que contribuem para a manutenção do racismo. Diante desses aspectos, ao desvelar a branquitude, Lima Barreto não o faz apenas como um componente narrativo entre as personagens. Como pensador social, o romancista efetua um deslocamento epistemológico, ao destacar um dos subterfúgios fundamentais de perpetuação do racismo. É sobre esse aspecto que em *Clara dos Anjos* observa-se, para além da crítica convencional de suas obras, a manifestação estilística de uma literatura endereçada em esmiuçar a complexidade das relações em contextos sociais negligenciados pelos intelectuais do período em que vivera.

Empregando a técnica dos autores realistas, o narrador coloca o leitor em contato direto com os dramas vivenciados pelos protagonistas e as demais personagens. Para isso, utiliza o recurso descritivo das condições do subúrbio carioca e o contexto de exclusão socioespacial em contraste com aspirações modernizadoras que caracterizavam a capital nacional no início do século XX. A partir de tais elementos, o narrador constrói o perfil psicológico das personagens, alinhavado ao *status* social marginalizado conferido à população suburbana. Assim, a

compreensão das relações raciais como um ingrediente assimétrico e heterogêneo, disposto sob uma perspectiva relacional, marca a complexidade da obra.

### **Algumas considerações finais**

É preciso considerar que poucos são os registros históricos que nos permitem identificar como a população incorporou as narrativas racistas difundidas pelos intelectuais no início do século XX. Deste modo, a obra de Lima Barreto nos permite compreender, sob os limites de sua linguagem ficcional, como as ideias produzidas pela *intelligentsia* foram incorporadas e até mesmo rejeitadas, suscitando um profícuo debate acerca da relação dialética entre a produção científica e sua recepção social.

Ademais, o preconceito racial – agudizado por relações assimétricas de gênero – sofrido pelas personagens negras e mulatas continua a ser questão fundamental à análise do romance. Em outras palavras, o racismo é compreendido como um fenômeno que não pode ser visto somente como um “problema de negros”. Pelo contrário, sua abordagem deve ser tratada de forma relacional, ao desenvolver estratégias de diferenciação, hierarquias sociais que se escamoteiam no transcorrer da vida cotidiana.

Lima Barreto, no início do século XX, desenvolveu, em seu romance, uma análise relacional sobre o racismo, em que o processo de subalternização dos sujeitos racializados se manifesta a partir de um referencial de contraposição identitária. O autor apresenta originalidade ao inferir a necessidade de racialização da branquitude como identidade racial normativa, que confere posição de *status* e privilégios simbólicos e materiais em um espaço de disputas sociais marcado pela exclusão, no caso, o subúrbio. Mais precisamente em *Clara dos Anjos*, o romancista destaca a complexidade das relações raciais no Brasil após a Abolição, destacando o quanto a branquitude pode ser identificada como um componente que atribuiu distinção social entre indivíduos pertencentes à classe trabalhadora, promovendo, dessa forma, novas dinâmicas de exclusão e o redirecionamento de assimetrias sociais.

Nessa perspectiva, ao abordar, em sua vasta produção literária, a complexidade das dinâmicas sociais gestadas no referido contexto histórico, Lima Barreto pode ser caracterizado como um pensador social brasileiro, uma vez que nos possibilita compreender as contradições que remontam ao modo de vida e o cotidiano da população que em muito fora preterida dos estudos acadêmicos e da produção literária em voga. Em sua obra, Lima Barreto sinaliza o interesse de esmiuçar os aspectos biográficos de sua trajetória pessoal e profissional, destacando o quanto a sua alcunha de autor marginalizado, contraditoriamente, é o elemento que lhe confere originalidade e especificidade dentre os autores pré-modernistas, haja vista seu comprometimento em retratar, em suas obras, a realidade periférica e

os estigmas do racismo, elementos tão invisibilizados pela literatura e pela produção científica no período em que vivera.

## Referências

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Olympio, 2002.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 2012.
- BENTO, Maria Aparecida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- \_\_\_\_\_. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.
- CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 8. Ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, vol. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)*. Dissertação (Mestrado em Economia e Estudos Sociais). Universidade de Coimbra, 2008.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARVALHO, Samara dos Santos. *A branquitude desvelada: o romance Clara dos Anjos e as relações raciais e de gênero na Primeira República*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2024.
- GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em torno de Lima Barreto. In: *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 131-146.

- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Perspectivas, 2020.
- NÉRIS, Natália. *A voz e a palavra do Movimento Negro na Constituinte de 1988*. São Paulo: Casa do Direito, 2018.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. Cor nos censos brasileiros. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- RAMOS, Alberto Guerreiro Ramos. O problema do negro na Sociologia brasileira. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *O Pensamento Nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília: Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, 1981, p. 39-69.
- \_\_\_\_\_. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda, 1957.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.
- ROCHA, Enid. A Constituição Cidadã e a institucionalização dos espaços de participação social: avanços e desafios. In. *20 anos da constituição cidadã: avaliação e desafio da seguridade social*. Brasília: Anfip, 2008, p. 131-142.
- SCHUCMAN, Lia Wainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 2012.
- SCHWARCZ, Lília. *Lima Barreto – Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.